



## O HOMEM DE CAPUZ

- Filha, vamos! Era minha mãe chamando para irmos até a casa da tia. Eu não queria ir; não haveria nada para eu fazer lá. Meus pais conversavam com a tia Aline e seu marido, enquanto minha irmã brincava com a filha deles. Além disso, estava com uma preguiça danada... Entretanto, não havia escolha. Como só iríamos até a casa dela, que ficava a cinco quarteirões e era da família, nem me preocupei em trocar de roupa; estava com um short curto e um cropped.

Chegamos lá e havia café, bolo e muitas outras coisas gostosas. Comemos e foi o de sempre: os adultos conversando, as crianças brincando e eu mexendo no celular. Quando percebi, estava ficando sem bateria e não havia levado carregador. Decidi ir a pé para casa, apesar de não estar confortável naquela roupa e já estar escurecendo.

Estava andando pela rua escura, com a luz queimada e apenas os raios lunares iluminando. Olhei para trás e vi algo que não queria: um homem de capuz, todo de preto, possivelmente me seguindo. Não sabia há quanto tempo ele estava ali, então acelerei o passo. O homem continuou me acompanhando até que virei a rua da minha casa, perdendo-o de vista.

Ao invés de me tranquilizar, isso só me deixou ainda mais angustiada, com a respiração ofegante e constantemente olhando para trás. Um jovem de uns 15 anos estava jogando bola sozinho e, percebendo minha aflição, esperou até que eu entrasse em casa antes de seguir para a casa dele. Assim que cheguei, tranquei a porta e todas as janelas.

Ainda com medo e aterrorizada, peguei o celular, que estava totalmente sem bateria, na tentativa de ligar para minha mãe, com a mão tremendo e as pupilas dilatadas. Tentei ligar pelo telefone fixo da minha casa, mas ninguém atendia. Com lágrimas já rolando pelas minhas bochechas, peguei o celular em uma mão e uma faca na outra, e comecei a revistar a casa inteira, tamanho era meu medo.

Olhei cômodo por cômodo, checando os armários, embaixo da cama e até atrás das cortinas; só faltava a lavanderia. Quando estava para abrir a porta, o telefone tocou; levei um susto: eram meus pais retornando a ligação. Ao mesmo tempo, vi algo se mover na minha visão periférica e senti algo atingir minha perna com total velocidade, provocando uma dor ardente.

Assim que me virei, vi o homem de capuz preto vindo em minha direção. Levei a faca à frente do corpo e o atingi com um golpe na barriga. Enquanto ele estava distraído com a dor, saí correndo até o quarto dos meus pais, onde meu pai guardava uma arma. O homem veio atrás de mim. Ele me deu uma rasteira, fazendo-me tropeçar e cair no chão, tirou a faca de minha mão e a levou ao meu peito, perfurando-o.

Assim, com a respiração pesada, acordei de meu pesadelo profundo, contendo um grito na garganta. Olhei em volta; estava tudo bem, em casa, com minha irmã deitada ao meu lado. Exceto por um detalhe: minha camiseta estava manchada de sangue no mesmo lugar onde fui perfurada no sonho, e havia um moletom preto com capuz pendurado na porta. Foi aí que olhei para trás e...

Sara Nascimento

8º ano / Balneário Camboriú

2024